



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ELAINE RAFAELA DA SILVA DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA LITERATURA:
ABORDAGEM SOBRE A OBRA DE MACHADO DE ASSIS.**

CAMPINA GRANDE - PB

2021

ELAINE RAFAELA DA SILVA DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA LITERATURA:
ABORDAGEM SOBRE A OBRA DE MACHADO DE ASSIS.**

**Trabalho de Conclusão Curso
(Monografia) apresentado ao Curso
de Licenciatura em História do Centro
de Humanidades da Universidade
Federal de Campina Grande, como
requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em História.**

Orientador: Professor Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza.

CAMPINA GRANDE - PB

2021



O48R Oliveira, Elaine Rafaela da Silva de.
A representação da figura feminina na literatura :
uma abordagem sobre a obra de Machado de Assis. / Elaine
Rafaela da Silva de Oliveira. - 2021.

40 f.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de
Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia (Curso
de Licenciatura em História) - Universidade Federal de
Campina Grande; Centro de Humanidades.

1. Representação feminina na literatura. 2. Machado
de Assis. 3. Patriarcalismo. 4. Mulheres na literatura
de Machado de Assis. 5. Mulheres Machadianas. 6. História
e Literatura Brasileira. 7. Personagens femininas -
Machado de Assis. 8. Literatura e mulheres. I. Souza,
Antônio Clarindo Barbosa de. II. Título.

CDU:94:82(81)(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

ELAINE RAFAELA DA SILVA DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA LITERATURA:
ABORDAGEM SOBRE A OBRA DE MACHADO DE ASSIS.**

**Trabalho de Conclusão Curso
(Monografia) apresentado ao Curso de
Licenciatura em História do Centro de
Humanidades da Universidade
Federal de Campina Grande, como
requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em História.**

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza.
Orientador – UAH/CH/UFCG**

**Professora Dra. Manuela Aguiar Damião de Araújo.
Examinadora Externa – UEPB**

**Professora Dra. Damiana de Matos Costa França.
Examinadora Interna – UAH/CH/UFCG**

Trabalho aprovado em: março de 2021.

CAMPINA GRANDE - PB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me ajudado e guiado meu caminho para conseguir enfrentar todos os obstáculos, tanto da minha vida pessoal quanto acadêmica.

Agradeço aos meus pais e minha irmã por tudo que fizeram na minha vida, por todo esforço, luta e dedicação para contribuir com minha formação.

Agradeço imensamente ao meu orientador Clarindo por ter me dado essa grande oportunidade, pela confiança e toda paciência que teve comigo. Ele é um grande educador e uma pessoa que muito admiro.

Quero deixar aqui meu grande agradecimento também a professora Márcia Lima que durante o período que paguei sua disciplina ela foi a pessoa mais compreensiva e que me ajudou muito a não desistir.

Agradeço também aos meus amigos que conheci durante o curso de História que foram fundamentais, pois sem a força e ajuda deles tudo seria ainda mais difícil, obrigada por tudo que vocês fizeram e fazem até hoje. Graças a Deus ele me presenteou com grandes amigos. Também agradeço a minha amiga Anne por estar me ajudando muito, que Deus sempre ilumine sua vida.

Em especial agradeço imensamente ao meu grande amigo, companheiro, e esposo John, por toda motivação que está me dando nessa reta final do curso. Seu apoio, sua atenção e dedicação estão sendo de fundamental importância nesse momento.

A banca examinadora, composta pelas professoras Manuela Aguiar e Damiana, que tive o prazer de tê-las como professoras, muito obrigada por todo conhecimento. Agradeço por suas contribuições e críticas construtivas.

E, por fim, quero dizer que estou imensamente grata e feliz por ter conseguido enfrentar as dificuldades, que não foram poucas, mas Deus me iluminou para terminar o meu curso, pois ele sabe o quanto passei para chegar onde cheguei. A todos o meu muito obrigado!!!

RESUMO

As figuras femininas dos romances machadianos são marcadas por impulsos contraditórios e seus comportamentos diferenciados para época e espaço em que estavam inseridas. A pesquisa se debruça sobre uma caracterização e sobre as relações das personagens de Helena, do livro homônimo *Helena*; Lívia, do livro *Ressurreição* e Sofia do livro *Quincas Borba*, uma vez que todos os romances foram escritos e narrados por um sujeito masculino ao retratar a postura considerada exigida para a mulher numa sociedade aristocrática. Todavia, no mundo machadiano tudo é relativo e variável, porém predomina a ordem patriarcal onde o homem tem papel de destaque e a mulher papel de submissão. Portanto, o objetivo deste trabalho é caracterizar as mulheres machadianas no contexto da literatura no final do século XIX e início do século XX, sob o olhar machadiano. Detecta-se que as relações das personagens femininas enigmáticas, desafiadoras e transgressoras aos padrões estão além do esperado para as mulheres da sociedade no final do século XIX e início do século XX.

Palavras-chave: Literatura. Machado de Assis. Mulher. Patriarcalismo.

ABSTRACT

The female figures in Machado's novels are marked by contradictory impulses and their differentiated behaviors for the time and space in which they were inserted. The research focuses on a characterization and on the relationships of Helena's characters, from the book of the same name Helena; Livia, from the book *Ressurreição* and Sofia from the book *Quincas Borba*, since all the novels were written and narrated by a male subject when portraying the posture considered required for women in an aristocratic society. However, in Machado's world, everything is relative and variable, but the patriarchal order predominates, where men have a prominent role and women a role of submission. Therefore, the aim of this work is to characterize Machado women in the context of literature in the late 19th and early 20th centuries, under Machado's eyes. It is detected that the relationships of the enigmatic, defiant and transgressive female characters are beyond expectations for women in society in the late 19th and early 20th centuries.

Key words: Literature. Machado de Assis. Woman. Patriarchy.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – A caracterização das mulheres machadianas na sociedade brasileira no final do século XIX	11
1.1 História e Literatura	14
CAPÍTULO II – “Mulheres cabeça e desequilibradas, mulheres confusas de guerra e de paz” – Caracterização das personagens femininas machadianas	17
2.1 Machado de Assis e suas obras	17
2.2 Personagens femininas machadianas	22
2.2.1 Helena	23
2.2.2 Sofia	26
2.2.3 Lívia	28
2.3 As mulheres machadianas e suas semelhanças – Helena e Lívia e Sofia	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

O século XIX foi marcado por profundas transformações na sociedade brasileira. Transformações estas de ordem cultural, do espaço urbano e rural, e nas relações interpessoais. Já na segunda metade do século XIX, as mudanças foram fundamentais e aconteceram nos campos social, político e, conseqüentemente, na forma de ver e entender a nova realidade (CINTRA, 2015).

A década de 80 do século XIX no Brasil ficou marcada pelos acontecimentos que promoveram a reestruturação do Estado. Pressionada pelo capital internacional em expansão, principalmente o inglês, a classe dominante brasileira tratou de promover um rearranjo no cenário político nacional, proclamando uma República e adequando o país às exigências impostas pelo imperialismo da época (RADICCHI, 2008).

As mudanças ocorreram também no interior das residências. As casas passaram a ser locais de reunião da burguesia, de festas e confraternizações em que a moradia, a família e em especial as mulheres deveriam ser vistas e admiradas (CINTRA, 2015).

Acompanhando essa linha as mulheres burguesas da época também passaram por mudanças em decorrência dessa reestruturação social. O lar, a intimidade, passou a ser mais valorizado e, conseqüentemente a posição social da mulher tornou-se marcadamente a de mãe e esposa zelosa. Elas deveriam cuidar do lar, dos filhos, do marido, da família e de si mesmas, de forma a apresentarem-se socialmente como requeria a posição do marido, ou seja, quanto mais altiva e ornamentada estivesse a mulher e a casa, melhor era a posição social do marido (D'INCAO, 2011; MUZART, 1990).

Mesmo os discursos da época valorizando as mulheres que ficavam em casa zelando pelo lar e a família, algumas andaram na contramão dessa atitude. A educação feminina na época era diferenciada da masculina, pois existia uma premissa na consciência social que, caso fosse permitido que as mulheres estudassem além do necessário para serem boas mães e esposas, elas poderiam fazer mau uso do conhecimento que adquiriam. Inclusive havia currículos diferentes para meninos e para meninas. Assim, uma das poucas possibilidades de profissão, senão a única da época, era tornar-se professora cursando o magistério (MEGID, 2008; COIMBRA; MAIA, 2008).

Mesmo com tanto preconceito e tanta pressão para que a mulher vivesse única e exclusivamente para o lar, os filhos e o marido, as mulheres também começaram a conquistar espaço no mundo. Essa conquista começou timidamente e as mesmas passaram a escolher seus caminhos, mesmo contra a vontade da família e da sociedade que esperavam atitudes totalmente contrárias, elas de alguma forma já tinham um pequeno e tímido poder de escolha.

Essas escolhas e mudanças de “hábito” apresentados pelas mulheres do século XIX são retratadas nas obras de Machado de Assis. O autor mostra bem as mudanças ocorridas no Brasil no século XIX, principalmente as que estão ligadas a classe feminina. Para se ter ideia, Machado de Assis retrata tanto personagens que cumpriam fielmente o esperado pela sociedade, como aquelas outras personagens femininas que lutavam por mais independência.

Machado de Assis era considerado um escritor que tinha como objetivo o público feminino, que escrevia para mulheres. Por conta do ócio incentivando às mulheres burguesas da época, a leitura de romances era acompanhada fiel e essencialmente por esse público. Toda a obra do autor da primeira fase é dedicada às questões familiares (CINTRA, 2015).

Com base nas leituras realizadas nas obras de Machado de Assis foi que se propôs a desenvolver esse trabalho visando entender melhor os papéis exercidos pelas mulheres burguesas da cidade do Rio de Janeiro, mas precisamente no final do século XIX, sendo esse enfoque dado justamente às personagens machadianas.

O embasamento teórico desta pesquisa ancorou-se nas leituras e estudo sobre as mulheres machadianas em face às posturas dicotômicas: a submissão e resistência frente à sociedade de seu tempo, concepções propostas por Machado de Assis em seus livros como Helena – Obra publicada em 1876, Livia do livro Ressurreição publicado em 1872 e o livro Quincas Borba que tem como principal personagem Sofia, tendo esse romance sido inicialmente publicado em folhetins entre os anos de 1886 e 1891 pela revista *A Estação*.

A metodologia utilizada no desenvolvimento deste trabalho foi uma análise dos romances machadianos, bem como de vários artigos científicos, os quais relatavam a vida das mulheres burguesas na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. Alguns autores também foram utilizados como base teórica para a construção da pesquisa, dentre os quais Cintra (2015), Freire (2001), D’Incao (2011) entre outros. O trabalho foi desenvolvido em dois capítulos. No primeiro capítulo

fez-se uma caracterização da mulher burguesa na sociedade brasileira no final do século XIX, como essas mulheres eram tratadas, qual o seu papel na sociedade no final desse século e quais os principais desafios pelos quais passaram essas mulheres. Já no segundo capítulo fez-se uma caracterização das mulheres machadianas no contexto da literatura da época e com base nas informações históricas sobre aquele momento. Neste capítulo a mulher é descrita por Machado de Assis em seus romances. Em seguida fez-se uma análise comparativa entre as personagens machadianas enfocando as características marcantes nas três personagens escolhidas e quais as diferenças existentes entre as mesmas.

E ao final são feitas algumas considerações acerca da visão tanto da sociedade, como de Machado de Assis sobre as mulheres e como as mesmas deixam sua condição de total submissão ao homem e a família e tornam-se pessoas independentes, com vontades próprias e passando a desempenhar um papel autossuficiente na sociedade que tanto as discriminava e humilhava.

CAPITULO I

A CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES NA SOCIEDADE BRASILEIRA NO FINAL DO SÉCULO XIX

As transformações do século XIX foram vivenciadas na vida pública e na privada. Acontecimentos significativos se iniciaram nessa época com as grandes mudanças nos espaços demográficos das cidades, em especial no Rio de Janeiro, capital do Brasil na época. As cidades deixaram de ser essencialmente rurais, houve a consolidação do capitalismo, a mudança do regime monárquico para o republicano e a abolição da escravatura (CINTRA, 2015).

Tais transformações no século XIX culminaram numa evolução do comportamento e sentimento da sociedade. Os conceitos de amor, respeito, inteligência e sexualidade mudaram e ganharam vez nos lares de todo o mundo (SANTOS; SACRAMENTO, 2011).

As famílias passaram por uma reorganização interna com redefinições de papéis e valores. De maneira que, essas conquistas também modificaram o indivíduo na sua forma de pensar o amor, o casamento, o trabalho e os valores sociais (CINTRA, 2015).

A mulher burguesa que vivia no Rio de Janeiro no século XIX deveria ser recatada e do lar, dotada apenas de encantos femininos, saber bordar, cozinhar, cuidar dos filhos e do marido. Eram criaturas que subordinavam-se à autoridade masculina, e tal subordinação era vista com naturalidade pelas famílias, pois na época o modelo de família patriarcal era o único respeitado (SANTOS et al., 2010).

Para os pensadores reacionários Joseph de Maistre e Bonald, a família, célula social indissolúvel, será o microcosmo da sociedade. “O homem está para a mulher como a mulher para a criança; ou o poder para o ministro como o ministro para o súdito” – dessa forma, o marido governa, a mulher administra, os filhos obedecem. O divórcio é naturalmente proibido e a mulher é confinada ao lar. As mulheres pertencem à família e não a sociedade política, e a natureza as fez para as tarefas domésticas e não para as funções públicas, afirma Bonald (BEAUVOIR, 2009, p.167).

Por ser visto como ser inferiorizado, o casamento para as mulheres da

época, era uma das únicas possibilidades de ascensão social, ou ao menos, de manutenção do status familiar. O casamento garantia a conquista da identidade da mulher que passava a ser reconhecida como pertencente à sociedade e ganhava algum respeito. A elas cabia essa função social: de preservar e/ou levar esse status através de amizade e relações estabelecidas antes e após o casamento (SACCHETTO, 2005).

À mulher era imposto um comportamento pessoal e familiar: no casamento, deveria amar seu marido, respeitá-lo, obedecê-lo e tolerar seus defeitos com paciência e mansidão, além de educar seus filhos com amor, segundo os preceitos da fé católica, e comportar-se com moral e pudor (LOPES 2002, p.22 apud JACINTO, 2005, p.37). Ao homem cabia o papel de provedor, pois ele é quem deveria trabalhar para garantir o sustento da família.

Com isso fica claro que o casamento e a maternidade eram vistos como algo positivo para as mulheres. Tanto é que os médicos da época enfatizavam que as mulheres apenas se sentiram completas quando pudessem tornar-se mãe. As mulheres em geral, passaram a ser valorizadas como importantes agentes de transformação social, porque a elas era concedida a função de educadoras dos filhos (IZIDORIO; LUCIANO; LUCAS, 2017).

Mulheres bem comportadas, bem casadas, admiradas, boas mães, exímias anfitriãs causavam boa imagem e, conseqüentemente poderiam elevar o status familiar. Caso o comportamento das mulheres fosse diferente, o contrário também poderia ocorrer. Assim, embora a autoridade fosse masculina, as mulheres eram responsáveis pela imagem social dos homens como pais ou maridos (D'INCAO; COIMBRA, 2007).

A educação feminina era diferenciada da masculina, pois existia uma premissa na consciência social que, caso fosse permitido que as mulheres estudassem além do necessário para serem boas mães e esposas elas poderiam fazer mau uso do conhecimento que adquiriam. Inclusive havia currículos diferentes para meninos e meninas. Assim, uma das poucas possibilidades de profissão, senão a única da época, era tornar-se professora, cursando o magistério (MEGID, 2008; COIMBRA; MAIA, 2008).

As mulheres eram tão oprimidas que quando estavam aptas para namorar e casar, as mesmas passavam a ser vigiadas, de forma a impedir que pudessem

prejudicar o contrato que seria realizado pelas famílias da mulher e do futuro marido. A virgindade era a garantia do sucesso do negócio firmado no casamento entre as famílias, já que quem casava não eram somente os noivos, mas as duas famílias e seus nomes (D'INCAO, 2011).

Era de suma importância manter as aparências, não permitir que situações que poderiam manchar o nome da família fossem lançadas na sociedade. Assim, era possível notar uma diferença substancial entre o comportamento em sociedade e o visto internamente nas casas, propriamente nas alcovas (CINTRA, 2015).

Enquanto o homem podia ter sua iniciação sexual muito cedo, as mulheres deveriam casar-se virgens. A mulher que casasse “não virgem” era uma embalagem violada e podia ser devolvida aos pais. Tudo era motivo de vergonha e constrangimento. A relação sexual tinha um único objetivo: a reprodução. Era preciso manter a mulher ocupada com gestações e, conseqüentemente, sem interesse por outros homens (IZIDORIO; LUCIANO; LUCAS, 2017).

Apesar da época valorizar as mulheres que ficavam em casa zelando pelo lar e pela família, algumas andaram na contra-mão dessa atitude. E essa mudança iniciou-se no final do século XIX com o surgimento de discursos com o tema de emancipação feminina e os jornais passam a trazer artigos a respeito, possibilitando um maior leque de ação para as mulheres da época (CINTRA, 2015).

A mulher passava a conquistar o campo social, com efetiva participação nos novos ares sociais da época. O comportamento feminino agora era outro, surgiu como um divisor de águas, afirmando que a mulher era um ser dotado de inteligência e capacidade intelectual (LUCAS, 2017, p.17).

No final do século XIX é que as mulheres começaram mesmo que timidamente a escolher seus caminhos, ainda com grandes repercussões quando a escolha não correspondia ao que a família e a sociedade esperavam, mas já era, de alguma forma possível a escolha (CINTRA, 2015).

O grande impulso que teve a literatura no século XIX existiu graças aos jornais e revistas dedicadas às famílias e às mulheres, em que, ao lado de artigos sobre a moda européia, ensinamentos religiosos, culinária, amor e casamento, escreviam os grandes autores (FREITAS, 2001).

Os romances machadianos descrevem a sociedade do século XIX, bem como enfatiza as características das mulheres. As mulheres do século XIX descritas

nas obras de Machado de Assis assumem posturas diferentes em nossa sociedade sempre machista, patriarcal, com uma cultura que a subjugou, a marcou como ser frágil, indefeso, sensível, incapaz, bem diferente do estereótipo descrito em suas obras (LUCAS, 2017).

Capitú personagem de personalidade absolutamente diferenciada, que desempenhou em sua narrativa um papel de personagem dotado de beleza, inteligência, sensibilidade, coragem, sensualidade, desfaçatez, entre outras características que marcam o discurso feminino de Capitú à literatura brasileira (LUCAS, 2017).

Machado de Assis foi um autor que escreveu para mulheres e sobre mulheres. Pode-se ver que não só em Brás Cubas, mais em Quincas Borba existem várias passagens nas quais dialoga com uma leitora, isso mesmo, com uma leitora – no feminino. Conforme sabe-se seus romances foram, alguns deles, primeiramente escritos em jornais para moças. Foi ele um escritor que contribuiu para a libertação da mulher burguesa, condenada que estava a viver para a família, ou seja, casa, marido e filhos (FREITAS, 2001).

À medida que a questão da feminilidade surgia no cenário social daquele tempo, era necessário dar voz a esse ideal de independência, e a literatura, através de seus personagens e em virtude da sensibilidade dos seus criadores, pôde colocar em questão e estabelecer uma dúvida produtiva sobre a posição da mulher novecentista (FREITAS, 2001).

2. HISTÓRIA E LITERATURA

O historiador tem um compromisso incomensurável com o testemunho passado. O ofício do historiador é constituído pela busca incessante de provas, indícios e sinais, enfim, das pistas, por mais microscópicas que estas sejam (GINZBURG, 1989, p.143-179). A história como conhecimento é sempre uma representação do passado e que toda fonte documental para produzir esse conhecimento também o é (BORGES, 2010).

Segundo Pesavento (2004, p. 113) o texto literário vale como porta de entrada às sensibilidades de um outro tempo, justo como aquela fonte privilegiada que pode acessar elementos do passado que outros documentos não proporcionam.

Segundo Veríssimo (2018, p. 14):

A literatura pode ser vista pelo historiador como um documento permeado por frutos e dados históricos que possibilitam enriquecer as pesquisas. O historiador entende a literatura como fonte recheada de interpretações de outros espaços, tempos e culturas, que podem ser descritas como imaginárias ou reais.

Para Sevckenko (1999, p. 17), o historiador ocupa-se da realidade, enquanto que o escritor é atraído pela possibilidade. Eis aí, pois uma diferença crucial, a ser devidamente considerada pelo historiador que se serve do material literário.

A literatura sobretudo deve ser compreendida analiticamente como a interpretação do contexto social pelo autor e sua manifestação artística latente na obra. Esta exposição se dá em diferentes graus, dependendo de uma série de fatores extrínsecos e intrínsecos ao autor, como a corrente literária, a qual pertence, o gênero literário de sua preferência, o local de onde se manifesta, seu círculo de relacionamentos intelectuais, afetivos e familiares, sua condição de vida, tanto no passado (a infância e a juventude), quanto o presente (exercendo o ofício de escritor), entre outros fatores (CAPRARO, s.d).

Segundo Chalhoub e Pereira (1998) para a história social, a literatura é apenas um reflexo do seu tempo, representando, portanto, a relação que o autor tem com a sua sociedade, ou seja, a literatura é, enfim, testemunho histórico.

O campo da história cultural permite ao historiador múltiplos campos novos de trabalho investigativo, dentre os quais a literatura surge como uma abordagem representativa de determinadas culturas e valores para o historiador. Todavia, assim como qualquer outra fonte a literatura requer minuciosos cuidados ao ser utilizado pelo historiador, pois é necessário que se analise a historicização das relações e ligações que as obras literárias tem com o meio social e as possíveis realidades que a mesma representa (VERÍSSIMO, 2018, p. 13).

O texto literário como documento da história ou a história como contexto que atribui significado ao texto literário são caminhos que podem colidir no congestionamento da mão única por onde enveredam. Neste sentido, reflexo, expressão, testemunho, articulação, influência e termos similares são o léxico que costuma vincular o texto literário ao que há de coletivo e social para alguém e fora além de suas páginas. Aliás, a escolha de um ou de outro termo já implica não só menor ou maior grau do entreteçamento postulado entre literatura e história, como

também e sobretudo o modo como se postula tal entrelaçamento (MALLARD et al., 1995, p.21).

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste, é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas, de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo o seu aparato mental e simbólico (BORGES, 2010, p. 5).

A literatura é uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo, possuindo regras próprias de produção e guardando modos peculiares de aproximação com o real, de criar um modo possível por meio da narrativa, ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo (BORGES, 2010, p. 5).

A literatura é uma reflexão sobre o que existe e projecção do que poderá vir a existir, registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou mas notações da realidade para produzir uma ilusão do real. Como tal é uma prova, um registro, uma leitura das dimensões da experiência social e da invenção desse social, sendo fonte histórica das práticas sociais, de modo geral, e das práticas e fazeres literários em si mesmos, de forma particular (BORGES, 2010, p. 6).

De acordo com Chalbour e Pereira (1998, p. 9) a literatura como testemunho histórico é fruto de um processo social e apresenta propriedades específicas que precisam ser interrogadas e analisadas, como qualquer outro documento. Resta ao historiador descobrir, ponderar e detalhar sobre as condições de sua produção, as intenções do autor, a forma como ele realiza sua representação e a relação que esta estabelece com o real, as interpretações ou leituras que sucinta sua intervenção como autor, as características específicas da obra e do escritor, da escola em que este concebe seu texto e em que estilo, inserindo-o num processo histórico determinado, em um tempo e lugar, pois são acontecimentos datados, historicamente condicionados, valem pelo que expressam aos contemporâneos.

CAPÍTULO II

“MULHERES CABEÇA E DESEQUILIBRADAS; MULHERES CONFUSAS DE GUERRA E DE PAZ”: CARACTERIZAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS MACHADIANAS

2.1 MACHADO DE ASSIS E SUAS OBRAS

Considerado introdutor do realismo no Brasil, Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), conhecido como Machado de Assis foi um literato considerado por muitos críticos como o maior escritor brasileiro. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1839, no morro do Livramento. Neto de escravos alforriados, Machado era mulato e de origem pobre. Órfão de pai e mãe, ainda criança trabalhou vendendo doces para ajudar nas despesas de casa. Desde cedo aprendeu francês com uma amiga e frequentou por pouco tempo a escola pública. Na juventude foi caixeiro de uma livraria, tipógrafo e depois jornalista.

No ano de 1867 iniciou sua carreira como funcionário público, chegando a fazer carreira e bem cedo Machado mostrou seus pendores intelectuais. Entre outras profissões também foi oficial de gabinete, diretor de órgão público, e, posteriormente, um renomado escritor. Em 1889, teve sob seus cuidados a Diretoria do Comércio da cidade do Rio de Janeiro. Foi casado com a portuguesa Carolina de Novais que foi a grande incentivadora de seus escritos. O romance **Ressurreição** foi sua primeira obra publicada no ano de 1872.

Machado de Assis foi um dos fundadores da *Academia Brasileira de Letras*, em 1896. Escreveu inúmeras peças teatrais, contos, poemas e romances, entre eles estão as obras: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba*, *Helena*, *Iaiá Garcia*, *Desencanto* (teatro), *Americanas* (poesia), entre outras.

A obra de Machado de Assis, com referência principalmente aos seus romances, pode ser dividida em duas partes: uma primeira, de *aprendizagem*, em que predominam aspectos ligados ao romantismo da época e, uma segunda fase, dita da *maturidade*, em que o poder de observação psicológica das personagens se acentua (FREITAS, 2001).

Os romances da segunda fase de Machado de Assis caracterizam-

se pela não conclusão das histórias, pela imprecisão da problemática e por deixar ao leitor a tarefa interpretativa. Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), Quincas Borba (1891), Dom Casmurro (1899), Esaú e Jacó (1904) e Memorial de Aires (1908) provocam uma revolução na literatura brasileira, na medida em que, diferentemente dos romances românticos de José de Alencar e Joaquim Manoel de Macedo, entre outros, apresentavam personagens mais realísticos, sem uniformidade caracterológica, em ações mais intimistas, e deixavam a nu as contradições, imperfeições e vilanias do ser humano (FREITAS, 2001, p. 64).

O interesse de Machado pelo universo íntimo do ser humano foi tornando-se cada vez mais agudo, bem como sua percepção do psíquico. Isso fica evidente, nesse segundo momento de sua literatura, quando ele evita a narrativa tradicional da época fazendo-a dispersa, enfatizando os conflitos de personagens de uma forma que impressiona pela lucidez e pela percepção psicológica de um homem sempre dividido (FREITAS, 2001).

Machado viveu em uma sociedade aristocrática, conservadora e religiosa. Foi chamado de o “bruxo”, pois nas entrelinhas de seu texto apresentava uma crítica mordaz aos costumes, à sociedade e à política do fim do império e início da República brasileira. Ele tudo criou e percebeu revelando o que era o Brasil e os brasileiros do Rio de Janeiro dos finais do século XIX (LOBATO, 2017).

Machado sempre foi um autor interessado em prospectar às paixões dos homens, em dissecar-lhes as intimidades, em levantar questões e em torná-las públicas através da voz de seus personagens, principalmente a loucura e a histeria, não as do manicômio, mas as do caseiro e do cotidiano da burguesia novocentista do Rio de Janeiro (FREITAS, 2001, p. 54).

Nos textos da maturidade é onde se misturam pessimismo, humor sardônico e o tédio, além da volúpia do aborrecimento. É o homem nas mãos do destino, suscitando em Machado questões, pois era introvertido no contato com o outro. Na ilusão literária encontrava através da liberdade criativa um efeito de sublimação para o desejo, o qual fluía no texto de forma elegante (FREITAS, 2001, p. 65).

As características utilizadas por Machado de Assis em suas obras, que se dividem em duas épocas: o pré-Romantismo notam-se características dessa época, obras como Ressurreição (1872) e Helena (1876) usando o convencionalismo segundo a crítica moderna e o pós-Romantismo ou início do Realismo em que suas obras ganham um novo alcance: a observação e traços de pessimismo e ironia buscando a verdade com sua “maturidade artística” com a publicação de Memórias

Póstumas de Brás Cubas (1881) e, mais tarde, Dom Casmurro (1899). Estas obras, marcaram a forma de criar e escrever sobre o Realismo-Naturalismo, distanciando-o do Romantismo. Sem dúvida deixou um grande legado. A sua obra conta com um leque temático e estilístico bastante variado. O impacto da sua obra chegou a colocá-lo entre os principais nomes da literatura internacional.

As mudanças que ocorreram no século XIX também foram retratadas nas obras de Machado de Assis. Especificamente no que se relaciona à questão das mulheres. O escritor retratou tanto personagens que cumpriam fielmente o esperado pela sociedade como outras que lutavam por mais independência. Era considerado um escritor que tinha como objetivo o público feminino, que escrevia para as mulheres. Toda a obra da primeira fase do escritor é destinada às questões familiares, já na segunda fase entram também os temas psicológicos (CINTRA, 2015).

Nos romances machadianos escritos a partir de 1882, as famílias pertencentes à sociedade burguesa são predominantemente urbanas e restritas ao marido, a esposa e aos filhos. O triângulo amoroso tensiona as tramas. O sentimento amoroso restringe-se a marido e mulher, aos enamorados ou aos amantes e torna-se mais complexo, conflituoso e ambíguo. As próprias personagens, e não mais o destino, tornam-se irônicas, cínicas e ou cruéis [...] As normas de comportamento tornam-se mais tolerantes, desde que se mantenham as aparências e o prestígio das boas famílias não fique abalado (D'INCAO, 2011).

A partir das leituras e estudo sobre as mulheres machadianas em face às posturas dicotômicas, a submissão e resistência frente à sociedade de seu tempo, concepções propostas por Machado de Assis em seus livros **Helena** (1876), **Quincas Borba** (1891) e **Ressurreição** (1872) mostram que as personagens machadianas foram marcadas por impulsos contraditórios, por isso, não podem ser classificadas em boas e más, porque no mundo machadiano tudo passa a ser relativo, variável conforme o ponto de vista que se assume diante das coisas.

Nos romances machadianos predominam a ordem patriarcal onde o homem tem papel de destaque e a mulher papel de submissão. As personagens femininas de Machado de Assis eram protagonistas, ou personagens centrais em suas tramas, cujo espaço se delineava aos poucos durante a trama como acontece com Capitu em **Dom Casmurro** (1899) ou Sofia em **Quincas Borba** (1891) (CINTRA, 2015).

Segundo Cintra (2015, p. 5)

Machado de Assis retrata em diversas obras personagens que desafiam e colidem com a estrutura vigente da sociedade no século XIX. Seus romances, crônicas e contos trazem personagens mulheres que respondem ao esperado socialmente e outras, normalmente as personagens principais que lutam de forma mais ou menos declarada contra a estratificação social entre homens e mulheres. Exemplos desses fatos são as personagens Capitu em *Dom Casmurro* (1899), Estela em *Iaiá Garcia* (1878) e Sofia em *Quincas Borba* (1891).

O escritor possibilita voz às mulheres de sua criação através do poder silencioso que atribui a elas. É possível perceber o poder oculto das mulheres retratadas nas obras machadianas como em **Dom Casmurro** e **Quincas Borba**. Elas conquistam o que desejam sem explicitar claramente o que querem. Personagens como Capitu e Sofia são multifacetadas, o que representa a impossibilidade dos homens de confiarem nas mulheres, uma visão masculina sobre o universo feminino. Elas encarnam o feminino não confiável que gera tanto medo dos homens (CINTRA, 2015, p. 6).

No final do século XIX, quando foi lançado **Dom Casmurro**, as mulheres burguesas iniciaram a conquista de alguns espaços públicos. E Machado expõe essa questão através de suas personagens. Capitu cuidava das despesas da casa desde a morte da mãe, briga por seu amor por Bentinho e, no final da obra, pede a separação, sendo, portanto, um grande expoente dessa nova possibilidade de ser mulher no Brasil daquela época (CINTRA, 2015).

A personagem de Sofia, por exemplo, conquistou sua independência através da criação de uma associação de caridade, outro possível espaço de inserção social para as mulheres da época. Sofia expõe suas opiniões e discorda do marido, é vista como má e vingativa, mas é a personagem que conquista seus objetivos, sendo um exemplo de mulher que se distancia do modelo tradicional. Assim, é possível perceber que, na época, a conquista de seu próprio espaço era visto como uma deturpação da sociedade, pressuposto que corrobora a ideia da mulher perigosa, não confiável. Ao mesmo tempo, é esse distanciamento do coletivo que permite às mulheres da época iniciarem a conquista de seu espaço (MEGID, 2011).

Há um grande destaque para as mulheres nas obras de Machado de Assis, mesmo que às vezes venha caracterizado com traços de mau-caráter, a mulher é

muitas vezes tratada como personagem dotada de cultura e inteligência. Cita-se como exemplo as ambiciosas Marcela, Virgília e Sofia que claramente são capazes de tudo para satisfazer suas vontades e anseios pessoais (PERES et al., 2011).

A maioria das personagens femininas representam a forma das mulheres burlarem a sociedade burguesa em que vivem e a santa instituição do casamento. Afinal, a mulher sempre representou no romantismo o amor, a emoção, o coração e o homem, o trabalho, a razão, o cérebro (LOBATO, 2017).

Com base nas leituras feitas e corroborando com Freitas (2001, p. 63) é possível observar que Machado de Assis foi o autor que introduziu a perspectiva crítica, fazendo da dúvida, do questionamento e da argumentação uma constante em sua obra. É o discurso persuasivo que pretende ganhar a adesão do leitor, pela razão e pela paixão, da impossibilidade de acesso à certeza divina. Tudo é transitório, relativo, finito... O criticismo machadiano vem impressionar o público quando do surgimento na Revista Brasileira dos capítulos de Memórias Póstumas de Brás Cubas, romance que dá início, à sua segunda fase, chamada da maturidade, extremamente rica e sugestiva.

Fica evidente que os romances machadianos são pontuados por uma ironia frequente, amarga, relativizando constantemente o bem e o mal como as faces de uma mesma moeda. O pecado, a moral são sempre possíveis de uma visada. Não se contentando com o simples dado fenomenológico, ele vai em busca das motivações inconscientes, quer sempre inferir o oculto, o par detrás, é um psicanalista – é o pensamento psicanalítico existindo porque a dúvida existe. Machado tinha o pensamento psicanalítico, anterior à própria psicanálise (FREITAS, 2001, p. 70).

Machado não se rende à esta lógica de superfície. A complexidade das motivações humanas o levam ao diálogo constante com o papel, no qual imprime suas questões, suas indagações a respeito do que é o viver (FREITAS, 2001, p. 70).

Machado escrevia sobre as mulheres e para as mulheres. Os amores e frustrações femininas eram temas constantes, inclusive a prostituição e o adultério – anteriormente inaceitáveis na literatura. Machado não acreditava na honra baseada na castidade, tendo nas entrelinhas do seu discurso chamado atenção para as necessidades e os direitos da vida afetivo-sexual de suas leitoras. Argumentava que a mulher devia receber instrução e não ficar completamente

confinada à vida doméstica, tendo direito ao amor e à liberdade. Não foi por acaso que, entre seus temas mais constantes, estiveram o ciúme e o adultério (FREITAS, 2001).

2.2 As personagens femininas machadianas

Nos romances realistas as figuras femininas mudam radicalmente de sentido para se afirmarem como caracteres mais integrais e por isso mesmo mais humanos (DÉCIO, 1963).

As personagens machadianas são compostas por uma série de características que na sua grande maioria das vezes se contrapõem às características das mulheres da época. São mulheres que possuem uma certa autonomia, apesar de agirem em função do masculino (CINTRA, 2015).

Segundo Ferreira e Perot (2017) as personagens alinhadas à estética realista mostravam-se figuras fortes, com características próprias e nada idealizadas.

Para Décio (1963, p. 54):

Machado de Assis confere às suas personagens alguns defeitos de raiz que conduzem naturalmente ao caos, eis que às criaturas não é conferida a mínima possibilidade de salvação, eis que raramente as personagens principais encontram outras de valor moral que poderiam ser tábua de salvação de suas vidas.

É possível perceber que as personagens da fase realista de Machado de Assis apresentam um aspecto curioso: as personagens principais, normalmente são criaturas carregadas de defeitos, amorais, quando não imorais, egoístas, maldosas (DÉCIO, 1963, p. 54), as mesmas são marcadas por impulsos contraditórios e, por isso, não podem ser classificadas em boas ou más porque no mundo machadiano tudo passa a ser relativo, variável com o ponto de vista que assume diante das coisas. A própria natureza é vista como mãe e inimiga, pois criou o mundo, mas mantém-se impassível diante do sofrimento humano (MORAES, 2008).

Seguindo a linha, Machado de Assis desenvolve o romance em cima de um tema muito explorado entre os escritores românticos que é a obsessão pelo amor impossível ou secundário, tornado proibido por leis morais e sociais, que só se resolve na renúncia total à felicidade ou a morte (MORAES, 2008). De maneira bem

clara percebe-se que os romances de Machado de Assis abordam a ascensão social de moças pobres. No romance *Helena* (1876) por exemplo, a personagem principal é levada a conviver com famílias ricas, de modo que, a mesma, tende a enfrentar a dificuldade de conciliar o amor com a conquista do espaço privilegiado da riqueza (MORAES, 2008).

2.2.1 HELENA (Helena, 1876)

O romance **Helena** (1876) pertence à chamada fase romântica, uma vez que, a obra se mantém presa aos moldes tradicionais do romance romântico, correspondendo às expectativas narrativas melodramáticas (MORAES, 2008).

O romance apareceu em folhetim no jornal *O Globo*, em 1876, e teve sua primeira edição no mesmo ano. Segue a mesma temática dos conflitos internos com a escalada social e mudança de status, pois por conveniência social, a personagem tem que abandonar o pai.

Uma das temáticas presentes no romantismo é a idealização do amor e da mulher. De acordo com Bernardi (1999), a idealização da mulher é baseada na personificação da donzela: “jovem, passiva, formosa, meiga, à espera do casamento – símbolo da felicidade plena que se realiza.” De fato, concepção geral leva a essa visão, que foi mais contemplada ao longo da produção romântica.

No romance podemos ver as desventuras de uma moça pobre que o destino coloca como falsa herdeira de uma família rica, mediante testamento deixado pelo Conselheiro Vale, no qual declarava reconhecer uma filha natural, de nome Helena, havida com D. Ângela de Soledade, nomeando-a herdeira da parte que lhe tocasse de seus bens (MORAES, 2008).

É possível perceber que o romance *Helena* conta a história de uma menina que foi criada e esculpida para servir e ser obediente, ou seja, interpretar o papel imposto às mulheres no século XIX: ser mãe cuidadosa, boa esposa, produtora e símbolo de um lar harmonioso (FERREIRA; PEROT, 2017).

Helena astuciosa e calculista tem que escolher entre manter-se na humildade de sua origem ou, através de alguns expedientes discutíveis, fazer escolhas com o intuito de alimentar a ambição social. Apesar de tudo, tanto em uma quanto em outra situação, o triângulo amoroso, as traições, os ciúmes, as rivalidades estão sempre presentes (FREITAS, 2001).

A história se desenrola na chácara do suposto pai de Helena, o Conselheiro Vale, no bairro da Tijuca no Rio de Janeiro. No desenrolar da história, a moça passa a ser aceita pela família e entre ela e o irmão nasce uma grande afeição que se transforma em amor pseudo-incestuoso, a custo reprimido por ambos. O amor entre eles vai se intensificando, insinuando-se terno e doentio, para fascínio e estranheza do leitor (MORAES, 2008).

Para Moraes (2008) a trama do romance *Helena* (1876) é acidentado, constituindo uma exceção na sobriedade dos enredos machadianos. É sua única narrativa longa verdadeiramente romanesca e pode, do ponto de vista da surpresa e do suspense. O livro narra a fatalidade que separa irremediavelmente os seres e o amor frustrado pelas conveniências. Entretanto, não existe no romance, apenas um núcleo conflituosos. Há vários elementos antagônicos que se chocam, revelando a estrutura de uma sociedade cujos valores estão em transformação ou decadência.

Em **Helena** (1876), não existe personagem que se compare em densidade psicológicas às grandes criações da maturidade do autor. A ação desse romance predomina sobre o desenho e o estado dos caracteres. A psicologia da protagonista é muito prejudicada pelas necessidades do enredo, visto que, a ação é imposta a ela, em vez de decorrer do seu caráter (MORAES, 2008).

Helena resistiu até à última; cedeu somente à necessidade da obediência, à imagem de sua mãe que eu invoquei, como um supremo esforço, à fiança que lhe dei de que a acompanharia sempre, de que iria viver perto dela, onde quer que o destino a levasse; cedeu exausta, sem convicção nem fervor (ASSIS, 1994, p. 128).

Como os outros romances de aprendizagem, *Helena* (1876) é um retrato da família patriarcal brasileira. Cultiva a dignidade pessoal e toda sorte de valores espirituais, no que é auxiliado pela Igreja católica, mas também cultiva a escravidão e desigualdades sociais, que eram mantidas com o igual apoio da mesma instituição (MORAES, 2008).

Helena é uma mulher romântica por excelência e condenada por antecipação, fatalmente fadada a intrometer-se de maneira equívoca na família (MORAES, 2008). E mesmo sendo de origem humilde, Helena tinha plenas condições de impressionar a sociedade da época, pois apresentava inúmeras

qualidades: pianista distinta, sabia desenhar, falava perfeitamente francês, um pouco de inglês e italiano. Entendia de costura e bordados e toda sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente, mediante os seus recursos e muita paciência, arte e resignação, não humilde, mas digna, conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis (ASSIS, 1994, p. 16).

Para Chalhoub (2003, p. 24) existe na personagem Helena, apesar das aparências um contrário, uma visão de mundo que lhe é própria, e que não pode ser entendida se referir apenas à ideologia senhorial. A protagonista de certo conhecia e compartilhava os significados sociais gerais que reproduzia aquele universo de relações sociais, o fato crucial, no entanto, é que Helena, por sua posição ambivalente, está condenada a uma introjeção crítica dos valores e significados que organizam o mundo a partir do ponto de vista de Estácio.

Mesmo com todo o seu contexto, a personagem Helena também busca esquecer a brutalidade de um passado miserável refugiando-se ardilosamente em uma família burguesa sustentando o engodo de ser herdeira do patriarca (MIRANDA, 1994, p.31).

A jovem Helena fazia parte de uma sociedade que valorizava a condição social, os bons costumes e o dinheiro. Uma sociedade autoritária e patriarcal, onde os homens eram o centro de tudo, e a mulher totalmente submissa e sem valor algum, sendo vista como um ser que tinha como função principal a procriação e ser dona do lar, prendada e que vivia apenas para servir e obedecer ao marido.

Diante de tantas privações não é de se estranhar que Helena seguisse as vontades do pai que por não ter condições de dar-lhe uma vida melhor fez com que ela tivesse uma vida de mentiras, na qual, ela mesma participou da farsa, onde dizia ser filha de um senhor da alta sociedade e herdeira de sua fortuna, mesmo sendo uma filha de uma relação fora do casamento.

Compreende-se que diante da subjugação de Helena, pouco lhe restava fazer, e claro, a vida confortável e as chances que poderia ter também contribuíram para que ela embarcasse nessa trama. Só que, infelizmente, Helena não contava que poderia vir a se envolver romanticamente e que todo o plano poderia vir abaixo e foi justamente o que aconteceu, ela não resistiu e a verdade veio à tona.

2.2.2 SOFIA (Quincas Borba, 1891)

A segunda metade do século XIX é um momento de transformações profundas na sociedade brasileira: sua diversificação abre novas oportunidades, ampliando horizontes. Da mesma forma segundo a sugestão do romance também aparecem novas falcatruas e novos enganadores. São os ladrões de sempre, mas agindo com sutileza maior.

No romance **Quincas Borba** (1891) um exemplo de falta de honestidade é a apresentada pelo casal Palha. Cristiano e Sofia Palha representam verdadeiras paródias da crença romântica na sinceridade humana: o primeiro é um falso amigo, enquanto que a segunda usa as armas da sedução para manter o pobre Rubião sob controle e para permitir ao marido uma exploração constante.

A condição de submissão das personagens femininas machadianas, não fazia na íntegra o estereótipo de mulher do século XIX, pois elas eram fortes, determinadas, audaciosas, capazes de lutar com as artes de mulher inteligente para conseguir seus objetivos (SANTOS et al., 2010).

Mulher bonita e sedutora, isso fazia com que Sofia sentisse orgulho de si mesma:

Comprazia-se na contemplação de si mesma, das suas ricas formas, dos braços nus de cima a baixo, dos próprios olhos contempladores. Fazia vinte e nove anos, achava que era a mesma dos vinte e cinco e não se enganava (ASSIS, 1994, p. 94).

Sofia ao perceber os reais interesses do amigo do marido, tentou se abster de tais investidas: “ ... *mas é preciso trancar-lhe a porta, — ou de uma vez ou aos poucos; eu preferia logo ...*” (ASSIS, 1994, p. 34), mas foi desencorajada pelo marido interesseiro.

— Meu amor, eu devo-lhe muito dinheiro.

Sofia tapou-lhe a boca e olhou assustada para o corredor.

— Está bom, disse, acabemos com isto. Verei como ele se comporta, e tratarei de ser mais fria... Nesse caso, tu é que não deves mudar, para que não pareça que sabes o que se deu. Verei o que posso fazer.

— Você sabe, apertos do negócio, algumas faltas... é preciso tapar um buraco daqui, outro dali... o diabo! É por isso que... Mas riamos, meu bem; não vale nada. Sabes que confio em ti.

A aceitação de Sofia a princípio foi a contra gosto, mas depois acabou se acostumando com a situação e gostando de ser cobiçada:

A princípio, cedeu sem vontade aos desejos do marido; mas tais foram as admirações colhidas, e a tal ponto o uso acomoda as gentes às circunstâncias, que ela acabou gostando de ser vista, muito vista, para recreio e estímulo dos outros (ASSIS, 1994, p. 26).

Pode-se dizer que a mudança de Sofia deu-se também em virtude de:

O marido, Cristiano aceitava que as gentilezas da esposa chegassem a cativar um homem, — e Rubião podia ser esse homem; mas confiava tanto no Rubião, que o bilhete que Sofia mandara a este, acompanhando os morangos, foi redigido por ele mesmo; a mulher limitou-se a copiá-lo, assiná-lo e mandá-lo (ASSIS, 1994, p. 39).

Observamos que a obediência de Sofia ao marido era algo inquestionável. E isso só comprova que as mulheres não possuem vontade própria e nem direito de opinar. A falta de autonomia feminina era fato na sociedade do século XIX. Mas a vaidade e a auto-estima também falavam alto na mudança de ponto de vista da moça, pois quanto mais admirada, mas satisfeita ficava.

Além de todas as questões já elencadas, uma foi primordial para o surgimento de delicadezas e atenções diferenciadas com Rubião. O casal Palha tinha a ambição de ascender social e economicamente, e só seria possível com a ajuda do “amigo.

Sofia Palha vive muito bem seu papel de cúmplice do marido, visando justamente obter condições melhores de vida, mesmo que seja ao custo de enganar um amigo, ou usar dos dotes da sedução para conseguir seu objetivo.

Pecebe-se que existe um jogo de sedução, mas com um objetivo claro, o dinheiro. A sedução implica em utilizar todos os meios para fazer com que o admirador se encante cada vez mais, que se entregue a uma admiração sem quartel, que fique avassalado ao outro. Para tal empreitada, o jogo deve ser ora sutil, ora mais audacioso, deve por vezes deixar de lado as reticências, não em demasia, mas deixá-las naturalmente, como se estivesse também seduzida pelo seduzido (FREITAS, 2001).

A sedução é um jogo, muito interessante por sinal, pois mexe com vários sentimentos ao mesmo tempo, dentre eles pode-se citar o ego, a auto-estima, a

sensação de estar sendo desejada (o), é cativante até certo ponto, pois mexe e muito com o psicológico também, uma vez que pode muitas vezes passar a ideia que o desejo é mútuo entre os envolvidos.

Uma característica bem marcante em Sofia é o prazer em submeter o homem apaixonado, extorquir a declaração de amor, para depois dizer-se surpresa, é o gozo que impera na protagonista (FREITAS, 2001). Sofia tinha plena consciência do efeito que causava nos homens, uma vez que era uma mulher bonita, de modo que, fazia questão de se exibir e de seduzir, sempre deixando implícito que um possível romance poderia acontecer.

Muitos críticos e leitores descrevem Sofia como uma mulher dissimulada, interesseira, ambiciosa, que utilizava sua beleza para seduzir. Que mal há uma mulher sentir-se desejada? Nos tempos atuais, uma mulher sentir-se bela e desejada é algo normal, de certa forma alimentar a auto-estima é algo bom, faz com que as pessoas sintam-se vivas. De certa forma, isto poderia significar para a mulher daquela época um sentimento ou ação que aumentava a sua autoestima.

Mas quando passa-se a imaginar também o contexto da época, tal admiração, cortejo pode ser entendido como promiscuidade, uma vez que a mulher era vista como ser inferior em todos os aspectos, haja vista que seu único e maior objetivo era cuidar da casa, do marido e dos filhos.

2.2.3 LÍVIA (Ressurreição, 1872)

Ressurreição (1872) foi a primeira obra publicada por Machado de Assis no ano de 1872, e está inserida na primeira fase romântica do escritor. O romantismo que a obra apresentava era contida, moderada, sem os excessos sentimentais, reviravoltas na trama e final feliz do folhetim tipicamente romântico.

A personagem Lívia é apresentada como viúva, bonita e muito sedutora, que chega a causar uma admiração exagerada em Viana, seu irmão.

... A esse respeito a viuvez foi para ela uma renovação. Era bonita quando o senhor a viu; hoje está fascinante. Há ocasiões em que eu sinto ser irmão dela; tenho ímpetos de a adorar de joelhos. Com franqueza, assusta-me (ASSIS, 1994, p. 6).

Livia tinha atributos que conquistavam qualquer homem, pois era expansiva

e discreta, enérgica e delicada, entusiasta e reflexiva. Possuía esses contrastes aparentes, que não eram mais que as harmonias do seu caráter (ASSIS, 1996).

Outra característica que Lívia tinha é que era uma mulher romântica, que acreditava no amor verdadeiro e que encontraria o homem perfeito, aquele que a faria feliz. Para seu irmão Viana, tal característica era um defeito capital.

Lívia tem esse defeito capital: é romanesca. Traz a cabeça cheia de caraminholas, fruto naturalmente da solidão em que viveu nestes dois anos e dos livros que há de ter lido. Faz pena porque é boa alma (ASSIS, 1994, p. 6).

Analisando a fala de Viana, irmão de Lívia é possível perceber que o romantismo era visto como algo ruim, que não podia existir, pois deixava as pessoas fora da realidade.

Percebe-se que Lívia não é uma mulher ambiciosa, e sim, uma mulher que almeja a felicidade, que luta por ela, a ponto de em alguns momentos deixar o próprio orgulho de lado e ceder aos desejos do homem amado. Mas desconfianças por parte do pretendente fazem com que Lívia ponha a felicidade de lado, e a faz enxergar que o amor próprio é ainda maior que o desejo de viver o resto de sua vida com alguém.

Tal decisão, deixa claro que além de decidida Lívia é um mulher de personalidade forte, de caráter exemplar, e que apesar de amar, não conseguiu aguentar todas as humilhações que já tinha sofrido e resolveu colocar um ponto final em seu relacionamento passando a viver única e exclusivamente para seu filho.

Diante de todas as características descritas pelos críticos a respeito das mulheres machadianas, percebe-se que nem tudo é verdade, além do mais, a exemplo de Lívia, ela vivia numa sociedade extremamente machista, em que as mulheres não tinham valor algum, além dos já pré-determinados pela sociedade daquela época.

Comparações entre as três personagens machadianas citadas nesse estudo serão feitas posteriormente, em que o comportamento das personagens citadas nesse estudo será analisado, e conseqüentemente será possível comprovar se as personagens citadas enquadram-se como mulheres egoístas, aproveitadoras, que só pensam em tirar proveito de tudo e de todos ou se apenas eram mulheres que mesmo apresentando características reprovadas pela sociedade em que viviam queriam apenas serem felizes, respeitadas e terem seus pensamentos levados em

consideração.

As características das personagens machadianas serão melhor discutidas no capítulo seguinte, em que será possível compara-las e analisa-las podendo assim determinar se essas mulheres só eram oportunistas ou mulheres que almejavam serem ouvidas, levadas em consideração, quando o assunto não se resumia apenas as obrigações domésticas ou os filhos, mas sim, questões que envolviam outras linhas de pensamento, nas quais essas mulheres estavam impedidas de opinar.

2.3 As mulheres machadianas e suas semelhanças - Helena e Livia e Sofia

Machado de Assis sempre foi conhecido por escrever romances expressivos, que tratam muito das questões familiares, em especial das mulheres. Características como força, egoísmo, astúcia e beleza sempre foram colocadas em evidência pelo escritor. Em particular as mulheres machadianas possuem uma beleza ímpar, a qual vem carregada de muita sensualidade o que faria com que os homens se rendessem a este suposto e incontornável charme feminino. Por apresentarem tais características é que as mulheres machadianas geralmente são vistas como interesseiras, manipuladoras e capazes de tudo para conseguir seus objetivos.

Nos romances machadianos, as personagens viviam numa sociedade extremamente machista, que valorizava a família acima de tudo, os bons costumes e a total subserviência da mulher para com o esposo. O homem era visto como ser superior, responsável pela família e por manter sempre a ordem das coisas em sua casa. A mulher tinha como funções principais a procriação, cuidar da casa, dos filhos e da sua beleza.

Mesmo com tantos preconceitos, imposições e dificuldades impostas às mulheres, os romances machadianos também descrevem mulheres fortes, guerreiras, destemidas e, por vezes, sonhadoras, que almejam sempre a felicidade e a realização pessoal.

Neste capítulo irei fazer uma análise a respeito das características das respectivas personagens. É possível perceber diferentes aspectos psicológicos e de subserviência apresentadas pelas personagens machadianas. Com base nessa informação iremos analisar as diferenças e semelhanças entre Helena, Livia e Sofia.

Para iniciar a análise deve ficar claro que no início de sua vida literária Machado de Assis ainda estava engatinhando, fazendo experiências com seus personagens, desse modo seus romances focaram mais no lado romântico das histórias, com um final feliz, por assim dizer. Nessa fase, chamada de romântica, estão incluídos os romances **Ressurreição** e **Helena**. Cujas personagens guardam semelhanças e algumas diferenças umas das outras.

Nascer mulher em pleno século XIX era ter a plena consciência de que aspirações fora o casamento e a procriação estavam praticamente extintas da vida das mulheres, por não serem vistas como pessoas inteligentes e capazes de realizar outras atividades além das já impostas pela sociedade, as mulheres burguesas tinham sua inteligência limitada e reprimida.

A personagem Helena do romance homônimo **Helena**, se encaixa bem nas características aprovadas pela sociedade, pois era uma moça jovem, bonita, muito educada, pianista distinta, que sabia desenhar, falava corretamente francês, um pouco de inglês, além de entender bem dos trabalhos ditos femininos. Helena possuía todas as qualidades elencadas pela sociedade da época, que caracterizavam a mulher para ser uma boa esposa e mãe.

Então com essa formação ímpar, Helena começa por conquistar todos ao seu redor, inclusive aqueles que não a viam com bons olhos, no caso de D. Úrsula.

Helena não é tola; quer prender-nos por todos os lados, até pela compaixão. Não te nego que começo a gostar dela; é dedicada, afetuosa, diligente; tem maneiras finas e algumas prendas de sociedade. Além disso, é naturalmente simpática (ASSIS, 1994, p.33).

Com bastante sagacidade, Helena começa a encontrar seu espaço na casa do Conselheiro Vale e, em contrapartida, a conquistar o afeto dos moradores da casa. Por ter sido muito bem educada, Helena tem plena consciência que sua ascensão social, intelectual e financeira estão ligadas à família a qual ela por imposição dos pais passar a fazer parte. Com qualidades que todos aprovam, a simpatia e educação contribuem para que ela possa ser aceita, uma vez que para todos, ela é fruto de uma traição. Ou seja, uma filha ilegítima que deve ser legitimada pela família a pedido do suposto pai.

Nos romances machadianos estudados é possível perceber quanto o patriarcalismo é forte na sociedade do século XIX, pois mesmo depois de morto, o

chefe da família ainda tem suas ordens cumpridas à risca, mesmo que para os demais seja motivo de desonra.

Sabendo como eram tratadas as mulheres no século XIX percebe-se que Helena não teve muita alternativa a não ser aceitar e por em prática a mentira que lhe foi imposta, uma vez que uma moça só teria chances de ascender socialmente se fosse bem criada, tivesse dotes e fosse de uma família respeitada.

Logo pode-se dizer que Helena não é mal caráter, ou que agiu de má fé, mas sim, a personagem é fruto da sociedade preconceituosa, que coloca sempre o dinheiro em primeiro lugar e valoriza as pessoas pelo que elas possuem ou pela posição que ocupam na sociedade.

Outro romance da chamada fase romântica de Machado de Assis é **Ressurreição**, que foi o primeiro romance escrito por Machado, publicado no ano de 1872. Nesse romance, diferente de Helena, a personagem Lívia é viúva, mãe, muito bonita, de personalidade forte e que almeja a felicidade.

Lívia é uma mulher mais vivida, não está buscando uma posição social, ou ser aceita pela sociedade, mas sim, busca a felicidade, a segurança de um amor verdadeiro, encontrar um homem que a ame e que possa cuidar dela e do filho. Alguém que promova o tão sonhado “felizes para sempre”. E essa condição seria alcançada quando a mesma viesse a casar-se com Félix, mas que infelizmente não aconteceu em consequência das intrigas e da grande desconfiança que dominava o rapaz.

Qualidades muito presentes em Lívia são sua determinação e personalidade forte, que mesmo amando Félix decide após tantas decepções não reatar seu compromisso como podemos ver no desfecho abaixo:

O destino ou a natureza não nos fez um para o outro. O casamento entre nós seria uma cerimônia apenas. Seria mais; seria o nosso infortúnio, e mais vale sonhar com a felicidade que poderíamos ter do que chorar aquela que houvéssemos perdido.
Acredite o que lhe digo; amemo-nos de longe; sejamos um para o outro como um traço luminoso do passado, que atravesse indelével o tempo, e nos doure e aqueça os nevoeiros da velhice.

E cheia de mágoas e decepções decide dedicar-se única e exclusivamente ao filho: “para consolo e companhia de sua velhice tem ela o filho, em cuja educação concentra todos os esforços” (ASSIS, 1994, p. 79).

Assim pode-se dizer que Livia mesmo sendo muito romântica e sonhadora, não se deixou levar pelos encantos do amor, ou pelos finais felizes que encontrava nos livros românticos que lia, mas sim, ela escolheu a si mesma, escolheu não viver uma vida de infortúnios, de desconfianças, que Félix por muitas vezes a impôs.

Outra personagem machadiana a ser analisada é Sofia, protagonista do livro **Quincas Borba**, romance que foi publicado em 1892. A obra pertence a segunda fase literária de Machado de Assis, onde os personagens são mais analisados psicologicamente e onde o romantismo é deixado de lado, ou seja, fica em segundo plano e as características do ser são postas em evidência.

Então é o caráter do ser que está sendo analisado, nesse romance o ser em questão é Sofia, mulher bonita, sedutora e que tem predicativos os mais variados para conquistar qualquer homem a sua volta. Sofia vive no Rio de Janeiro, mas precisamente no Rio do século XIX, onde o patriarcalismo é dominante e as mulheres quando não estão obedecendo aos pais, estão obedecendo ao marido.

Ao comparar as personagens Helena, Livia e Sofia percebe-se que Sofia é a mais astuta de todas, uma vez que brinca com os sentimentos do amigo Rubião para conseguir objetivos como riqueza e ascensão social. É bem verdade que muitas das atitudes de Sofia são decorrentes da influência e subserviência dela para com o marido Cristiano Palha, que de maneira singela e calculista faz com que a esposa continue o jogo de sedução com Rubião, já que o mesmo almeja também uma posição privilegiada na sociedade e, claro, estorquir toda a herança do inocente Rubião.

Por Sofia ser uma mulher muito bonita, seria natural que vários homens se encantassem por sua beleza. A aparência era uma qualidade muito valorizada pela sociedade no século XIX. Sofia era admirada tanto pelos homens quanto pelas mulheres. E essa admiração tinha um efeito muito positivo na moça, pois aumentava sua autoestima e incentivava seu ego, deixando-a ainda mais convencida de sua beleza e de seu poder de sedução.

Essa beleza chamou a atenção de Rubião, que ingenuamente imaginava está sendo correspondido por Sofia, e esse equívoco fez com que ele viesse a se declarar para ela, o que criou uma situação incômoda, já que ela é uma mulher casada, que ama e respeita seu marido. A primeira atitude que ela teve foi contar para o marido, e mostrar a total insatisfação com a situação:

Pois saiba que ouvi nada menos que uma declaração de amor
 — Mas quem foi o patife? disse ele impaciente.
 — Foi o Rubião.
 mas é preciso trancar-lhe a porta, — ou de uma vez ou aos poucos;
 eu preferia logo, mas estou por tudo. Como achas melhor? (ASSIS,
 1994, p. 39).

Com essas palavras Sofia mostra que não sente-se à vontade com a declaração recebida e que queria mesmo cortar relações com Rubião.

Mas, Cristiano, como queres tu que lhe fale a primeira vez que ele cá vier? Não tenho cara para tanto; olha, o melhor de tudo é acabar com as relações.
 Conte-te um ato de desrespeito, e disse que era melhor cortar as relações, — aos poucos ou de uma vez (ASSIS, 1994, p. 40-41).

Esse era o desejo de Sofia, mas por ter deixado claro que faria de acordo com o que Cristiano decidisse, ficou claro que a vontade do marido era contrária a da esposa.

Palha cuidava na proposta de acabar com as relações, não que quisesse aceitá-la, mas não sabia como responder à mulher, que mostrava tanto ressentimento, e se portava com tal dignidade. Era preciso nem desaprova-la, nem aceitar a proposta, e não lhe acudia nada.
 ... disse em voz mais alta do que até então:
 — Mas, meu amor, eu devo-lhe muito dinheiro (ASSIS, 1994, p.40; 42)

Com tal revelação, Cristiano faz com que Sofia desista de cortar relações com Rubião e encare a situação como um acontecimento infeliz. E essa decisão fica mais forte a partir do momento que ele confessa à esposa que deve muito dinheiro a Rubião. Assim Sofia diz:

Está bom, acabemos com isto. Verei como ele se comporta, e tratarei de ser mais fria... Nesse caso, tu é que não deves mudar, para que não pareça que sabes o que se deu. Verei o que posso fazer.
 — Você sabe, apertos do negócio, algumas faltas... é preciso tapar um buraco daqui, outro dali... o diabo! É por isso que... Mas riamos, meu bem; não vale nada. Sabes que confio em ti (ASSIS, 1994, p. 42).

Assim percebe-se que Sofia não agiu por livre e espontânea vontade, mas sim foi influenciada pelo marido, que usou dos mais variados artifícios para

persuadir a mulher a esquecer os acontecimentos e seguir em frente como se nada tivesse acontecido. Logo a obediência ao marido de certa forma fica muito explícita nessa passagem do texto, onde Sofia passa a aceitar, de certa forma, a situação criada, em prol da segurança dos dois, uma vez que expulsar Rubião de sua casa, acarretaria em uma futura cobrança da dívida por parte do amigo.

Sofia não é tão manipuladora quanto parece, mas sim, uma mulher que busca os meios de manter as conveniências e as aparências, já que caso todos soubessem sobre a dívida adquirada pelo marido, um possível escândalo poderia atrapalhar os planos de ascensão na sociedade, e, conseqüentemente, reduzir a credibilidade do casal.

Dessa forma os fins justificaram os meios e o jogo de sedução continuou até o objetivo ter sido alcançado, Rubião enloqueceu e perdeu toda a sua herança, o casal Palha conseguiu o que queria.

As três personagens citadas nesse trabalho são personagens que possuem como principal característica serem mulheres vivendo numa sociedade extremamente hipócrita, machista e muito preconceituosa, onde há o predomínio das qualidades impostas tanto pela sociedade quanto pela igreja católica.

Mulheres bonitas e inteligentes que vivem diferentes situações em suas vidas, mas que precisam buscar meios para sobreviver as pressões impostas. Não era fácil ser mulher, inteligente, bonita e ser ignorada, pois era assim que as mulheres independente da classe social viviam no final do século XIX.

Força e determinação não lhes faltava, a singeleza se fazia necessária para que elas pudessem sonhar em ser mais vistas e respeitadas, como seres pensantes. Pode-se dizer que essas três mulheres são o fruto de uma sociedade opressora, machista e totalmente dominada por conceitos e costumes errados.

São mulheres que buscam a felicidade, buscam a realização pessoal, mas que ao mesmo tempo tentam a todo custo livrar-se desse domínio masculino.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Machado de Assis relatou em seus romances como as mulheres eram vistas pela sociedade e por suas famílias no final do século XIX. Eram mulheres submissas às suas famílias primeiramente, e após o casamento a submissão era ao marido.

As mulheres eram consideradas pessoas que estavam destinadas a viverem em função de três condições apenas: o marido, o lar e os filhos, uma vez que as mesmas não eram consideradas seres que possuíam inteligência ou que poderiam desenvolver qualquer outra atividade que não estivesse ligada a família, aos bons costumes elecandos pela sociedade e pela igreja.

É sabido que as mulheres viviam numa sociedade extremamente machista, onde o patriarcalismo reinava de maneira muito clara e pesada. Tal situação é bastante evidenciada nos romances machadianos. Eram tempos difíceis e conturbados para as mulheres.

Nos romances lidos e analisados foi possível perceber que o escritor buscou evidenciar que mesmo vivendo numa sociedade machista, as mulheres eram corajosas, destemidas, almejavam a felicidade, buscavam concretizar seus objetivos, mesmo que para isso fosse necessário fazer uso de certos artifícios, muitas vezes condenados pela sociedade.

As personagens Helena, Sofia e Lívia são mulheres que viviam momentos diferentes em suas vidas, pois enquanto Helena de certa maneira era obrigada a viver uma farsa para poder ter uma condição de vida melhor, Lívia apenas almejava a real felicidade, romanceando sua vida, e em busca de um amor verdadeiro, que pudesse fazê-la feliz, proporcionando uma vida sossegada. Já Sofia totalmente submissa e influenciada pelo marido, contribuía com o mesmo para enganar um pobre homem, e assim enriquecer e ganhar o respeito e admiração dados aos que tinham dinheiro, fazendo assim com que fossem bem vistos pela sociedade carioca.

Com isso fica claro que essas mulheres foram vítimas de uma sociedade, machista, elitista e capitalista, que mascara seu preconceito, desprezo e interesses, usando como desculpa a família e os bons costumes. São mulheres que apesar de apresentarem uma personalidade forte, são obrigadas a “dançarem conforme a música”.

REFERÊNCIAS

ASSIS, J. M. M. de. **Obras completas**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERNARDI, F. **As bases da literatura brasileira**: histórias, autores, textos e testes. Porto Alegre: Age, 1999.

BORGES, V. R. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiás, ano 1, n. 3, p. 94-109, Jun. 2010.

CHALHOUB, S. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. M (Orgs). **A História Contada**: capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CINTRA, L. G. de P. A Mulher Brasileira do Século XIX: um Olhar Machadiano. **Psicologado**, [S.l.]. (2015). Disponível em <https://psicologado.com.br/abordagens/psicologia-analitica/a-mulher-brasileira-do-seculo-xix-um-olhar-machadiano>. Acesso em 15 de setembro de 2019.

COIMBRA, A. C. de O.; MAIA, L. de S. A. O arquétipo de Bentinho: entre o social e o psicológico. In: **Círculo fluminense de estudos filológicos e linguísticos**, 2008. São Paulo. Publicações Filológicas, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.filologia.org.br/machado_de_assis. Acesso em 30 de agosto de 2019.

DÉCIO, J. Aspectos do romance realista de Machado de Assis. **Alfa: Revista de Linguística**. Assis, n. 3, p. 45-57, 1963.

D'INCARO, M. A. Mulheres e família burguesa. In: ENGEL, M. G. **Imagens femininas em romances naturalistas brasileiros**. Rio de Janeiro: Xenon editora, s/ano.

FERREIRA, J. F. L.; PERROT, A. C. A representação feminina em Machado de Assis: Helena embrião de Capitú. **Opiniões**, São Paulo, n.11, p.111-122. 2017.

FREITAS, L. A. P. de. **Freud e Machado de Assis**: uma interseção entre psicanálise e literatura. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. 176p.

GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

IZIDORIO, B. da S.; LUCIANO, S. F. M.; LUZ, V. M. da. Personagens femininas do século XIX: discursos sobre a mulher em Memórias Póstumas de Brás Cubas. **Revista Memorare**, Tubarão, v.4, n.3, p. 278-300, 2017.

JACINTO, C. P. S. **Relações de intimidade: desvendando modos de organização familiar de sujeitos escravizados em São Luís no século XIX**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís. 2005.

LOBATO, A. **O feminino nas mulheres de Machado de Assis**. SINJUS MG, Belo Horizonte, 28 de ago. de 2017. Disponível em: <https://www.sinjus.org.br/o-feminino-nas-mulheres-de-machado-de-assis/>. Acesso em 30 de nov. 2019.

LOPES, R. M. **De vítimas a autoras**: os crimes sofridos e praticados por mulheres em São Luís – 1873-1886.2002. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História Licenciatura) – UFMA, São Luís, 2002.

LUZ, E. **O romance que não foi lido: Helena, de Machado de Assis**. Fortaleza: UFC. 231 p.

MALLARD, L. et. al. **História Literatura – ensaios**. Campinas: Unicamp: 1995.

MEGID, D. M. Mulheres de jornal: personagens femininas de Quincas Borba e leitoras de A educação. In: **Simpósio Nacional de História**, n. XXVI, jul/2011, Unicamp, Campinas. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH,

Campinas, 2011, p. 1-17. Disponível em: www.snh2011.anpuh.org/resources/anais. Acesso em 10 de nov. 2019.

MEGID, D. M. **Representações femininas em Machado de Assis**: uma análise de Iaiá Garcia no jornal O Cruzeiro. 2008. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Lingua_Portuguesa/artigo/perso_fem_machado.pdf. Acesso em 30 de agosto de 2019.

MIRANDA, W. M. Nações literárias. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. São Paulo, v. 2, p. 31-38, 1994.

MORAES, V. L. A. de. Helena: construções e contradições. **Revista da Anpoll**, Campinas, v. 1, n. 24, p. 89-104. 2008.

PERES, L. B. et al. **Análise sobre as personagens femininas nas obras machadianas**. III Encontro Científico e Simpósio de Educação Unisaesiano. Lins, 2011.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PRIORE, M. Del. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. 2ª ed.

RADICCHI, R. A vida no romance machadiano. **A Nova Democracia**. Ano.6, n.42, 2008. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-42/1630-a-vida-no-romance-machadiano>. Acesso em 30 de agosto de 2019.

SACCHETTO, M. E. **Dom Casmurro**: quatro olhares e um arquétipo. Juiz de Fora: Franco, 2005.

SANTOS, C. O. dos et al. Submissão x autonomia: mulheres machadianas: vozes embargadas? Nem tanto. **Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras**. Ilheus... Anais. 2010.

SANTOS, R. C.; SACRAMENTO, S. M. P. do. O antes, o depois e as principais conquistas femininas. **Revista Anagrama**: Revista Científica interdisciplinar da Graduação. São Paulo, ano 5. 2011.

SENNA, M.; DIEGO, M. R. L. Retorno a “Ressurreição”, um fecundo romance de estreia. **Machado de Assis em linha**. São Paulo, ano 4, n. 7, p. 129-142, 2011.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VERÍSSIMO, K. D. C. **Tecelão de fios historiados: a representação literária da mulher negra em Mia Couto**. 2018. 75 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2018.